

RESUMO EXPANDIDO

Área Temática: Macroeconomia e Finanças

TEORIAS DE COMÉRCIO INTERNACIONAL: UMA BREVE REVISÃO

Márcia da Silva Nascimento*

Caroline Todeschini**

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar as principais teorias do comércio internacional dentro das escolas de pensamento econômico. A pesquisa tem caráter qualitativo e descritivo e utiliza-se fundamentalmente do método bibliográfico. Os principais resultados apontaram pontos em comum às teorias clássica e neoclássica, como a orientação à especialização produtiva como fonte de ganhos de comércio. Já as divergências foram constatadas principalmente em autores da Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe), com Raúl Prebisch indicando que a ampliação da base produtiva em países menos desenvolvidos pode reduzir seu grau de vulnerabilidade externa e contribuir para o desenvolvimento nacional.

Palavras-chave: Comércio internacional. Economia internacional. Teoria econômica.

1 INTRODUÇÃO

O comércio exterior é caracterizado por dois tipos principais de operação, a importação, que é a compra de mercadorias ou serviços estrangeiros e pela exportação, que é a venda de produtos ou serviços nacionais para outros países. Essa dinâmica tem-se mostrado necessária ao decorrer dos séculos contribuindo para a moldagem de várias economias do mundo, desempenhando um papel importante para o desenvolvimento econômico de diversos países. Pode-se dizer que umas das principais vantagens do comércio exterior é a possibilidade de importar mercadorias que não existem ou que não são possíveis de serem produzidas localmente.

Tendo em vista a relevância do comércio exterior para as economias ao longo dos séculos, torna-se importante contextualizar algumas das principais teorias de comércio internacional, haja vista sua relevância para a explicação da dinâmica de trocas de produtos entre diferentes nações.

2 MÉTODO

* Márcia da Silva Nascimento. Bacharela em Ciências Econômicas. Unicentro/PR. marcia2018dsnascimento@gmail.com.

** Caroline Todeschini. Doutoranda em Economia. PPGE/UFRGS, bolsista CAPES. carolinetdsc@outlook.com.

A presente pesquisa tem caráter qualitativo e descritivo e utiliza-se fundamentalmente do método bibliográfico. Foram consultados diferentes materiais, em sua maioria livros e artigos científicos, a fim de caracterizar as diferentes teorias apresentadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O comércio internacional já apresentava lugar de destaque nos escritos mercantilistas, mas foi Adam Smith, autor britânico, quem primeiro formulou uma teoria econômica científica buscando demonstrar as vantagens dessas transações. A chamada Teoria das Vantagens Absolutas, descrita por Smith em 1776 e como crítica às ideias mercantilistas, enfatizava o trabalho como único fator de produção e fonte de valor das mercadorias, além de apontar o livre mercado (*laissez-faire*) como otimizador de ganhos (CARVALHO; SILVA, 2007).

Contrariamente aos mercantilistas que viam o comércio internacional como um jogo de soma zero e que, portanto, deveria ser regulado pelo Estado, Smith defendia que todos os países poderiam se beneficiar do comércio internacional se cada um se especializasse na produção e exportação dos bens para os quais tivessem vantagem absoluta. Essa vantagem seria representada pela melhor produtividade, medida em número de horas de trabalho necessárias à produção (CARVALHO; SILVA, 2007).

Posteriormente, em 1817, David Ricardo escreveu sua Teoria das Vantagens Comparativas a partir dos escritos de Smith. Assim como seu conterrâneo, Ricardo também considerou apenas um fator produtivo, o trabalho, como fonte do valor das mercadorias. Sua ideia central consiste em que cada país deve se especializar na produção do produto para o qual apresenta o menor custo de oportunidade em termos de horas de trabalho. Assim, diferentemente de Smith, para Ricardo o comércio pode beneficiar ambos os países envolvidos se cada um exportar os produtos para os quais apresente vantagem comparativa.

Segundo Gonçalves (2005), neste modelo teórico a produtividade relativa do trabalho determina os custos comparativos. As variações nessa produtividade entre os países se sucederiam especialmente das diferenças tecnológicas dadas entre eles. Dessa forma técnicas, consideradas mais eficazes implicariam em uma maior produtividade e menor custo de produção.

No entanto, David Ricardo impôs limitações em sua teoria ao considerar somente o trabalho como fator de produção em suas análises. Composto a teoria neoclássica, na primeira metade do século XX os suecos Eli Heckscher e Bertil Ohlin apresentaram modelos de comércio internacional baseados na dotação relativa dos fatores de produção, sintetizados no chamado modelo Heckscher-Ohlin. A ideia principal desse teorema consiste na tendência que os países apresentam de possuir

vantagem comparativa na produção e exportação de produtos que utilizem de forma relativamente intensiva o seu fator de produção mais abundante (OLIVEIRA, 2007).

Nesta teoria considera-se que existe uma diferença nas dotações de fatores de produção entre os países e que essa é a principal determinante das vantagens comparativas. Para os autores, a escassez relativa de fatores de produção conseqüentemente afeta os preços relativos dos fatores e os custos relativos dos bens. Portanto, o padrão de vantagem comparativa é definido pela escassez relativa dos fatores de produção, ou seja, países ricos em capital tendem a exportar produtos que usam intensamente o capital. Em contrapartida, países ricos em trabalho exportam produtos que usam intensamente o trabalho (GONÇALVES, 2005).

Em contraponto às teorias clássicas e neoclássicas de especialização, em meados do século XX, a Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe) deu início ao pensamento desenvolvimentista latino americano. Raúl Prebisch, autor expoente da Cepal, era contrário às tendências do comércio internacional anteriormente apresentadas, pois acreditava que ocasionariam um cenário econômico desfavorável ao desenvolvimento dos países pertencentes à América Latina (SILVA, 2017).

De acordo com a teoria de Prebisch, os países pertencentes ao que ele denominou como “centro” são desenvolvidos e industrializados, produtores e exportadores de bens manufaturados e, por sua vez, a “periferia” é composta por países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, produtores e exportadores de bens primários (SILVA, 2017).

Prebisch acreditava que a renda média dos países latino-americanos era inferior em relação a dos países industrializados por conta das diferenças de produtividade das atividades econômicas entre centro e periferia. Nos países centrais, a incorporação do progresso técnico e a elevação da produtividade ocorrem de forma mais intensa do que nas economias periféricas exportadoras de produtos primários, o que resultaria, portanto, em uma diferenciação da renda entre as nações centrais e periféricas, favorecendo as primeiras (MOREIRA, 2012).

A partir das análises sobre os ciclos econômicos visando o centro e periferia desenvolveu-se o conceito de deterioração dos termos de troca no comércio internacional. Segundo Prebisch, havia uma permanência da deterioração dos termos de troca para os países periféricos no intercâmbio de seus produtos primários pelos produtos industrializados dos países centrais. Deste modo, os valores das exportações dos produtos primários tendem a apresentar um avanço desfavorável frente à dos produtos manufaturados produzidos pelos países desenvolvidos. Ou seja, os preços dos produtos industrializados vendidos pelos países desenvolvidos apresentariam valorização, ao passo que os preços dos produtos primários produzidos pela periferia sofreriam constantes desvalorizações (SILVA, 2017).

Um dos principais fatores descrito por Prebisch que contribui para a piora dos termos de troca dos produtos primários em relação aos produtos industrializados está relacionado à baixa elasticidade renda da demanda dos primeiros. Nesse contexto, conforme as nações centrais caminham em direção ao melhoramento do seu padrão de vida, a demanda por produtos primários não acompanha o mesmo ritmo, aumentando correspondentemente de maneira inferior. Da mesma, quando ocorre uma melhora no padrão de vida nos países periféricos, aumenta-se a demanda por produtos industrializados. Portanto, enquanto os países centrais procuram preservar integralmente o fruto do progresso técnico das suas indústrias, os países subdesenvolvidos transferem para eles uma parcela do fruto do seu próprio progresso técnico (SWART, 2006).

Tendo em vista o exposto, o Quadro 01 sintetiza as principais teorias do comércio internacional apresentadas.

Quadro 01 – Resumo das teorias de comércio internacional

Autores	Teoria	Ano	Ideias principais
Adam Smith	Vantagens Absolutas	1776	Os países devem se especializar na produção e exportação dos bens para os quais possuam vantagens absolutas
David Ricardo	Vantagens Comparativas	1817	Os países devem se especializar na produção e exportação dos bens para os quais possuam vantagens comparativas
Eli Heckscher e Bertin Ohlin	Heckscher- Ohlin	1919-1933	O país deve se especializar na produção e exportação de bens que utilizam intensivamente o seu fator abundante
Raúl Prebisch (Cepal)	Centro-Periferia	1949	Centro: países desenvolvidos e exportadores bens manufaturados Periferia: países subdesenvolvidos exportadores matérias primas
	Deterioração dos termos de troca	1959	Produtos primários têm seu valor de troca deteriorado em comparação aos produtos manufaturados

Fonte: Resultados da pesquisa.

Nota-se que, conforme a globalização se ampliou e as relações comerciais entre os países cresceram, as teorias de comércio internacional também evoluíram. Primeiramente ressalta-se o protagonismo de autores europeus, defensores da especialização produtiva com vistas à exportação. Posteriormente, autores de países menos desenvolvidos contestam essas versões e defendem a diversificação produtiva como meio de desenvolvimento.

Com relação às teorias clássica e neoclássica (Smith, Ricardo e Heckscher-Ohlin), observa-se como pontos em comum a orientação à especialização de acordo com as condições de produção de cada país. Como divergência, nota-se que enquanto para Smith o comércio seria vantajoso apenas na presença de vantagens absolutas, para Ricardo, Heckscher e Ohlin o comércio pode ser benéfico para ambos os lados quando considerados os custos relativos e a abundância dos fatores de produção.

Contudo, Heckscher e Ohlin abordaram a influência do comércio internacional na distribuição interna da renda dos países envolvidos na transação em seus modelos, ponto que os clássicos não

contemplaram de forma aprofundada. Ainda considerando o papel do comércio na distribuição de renda, os autores da Cepal destacam como as exportações podem ter caráter decisivo na perpetuação dos países como subdesenvolvidos.

Nesse cenário, Prebisch argumenta que a especialização produtiva prevista nas teorias clássica e neoclássica de comércio internacional não beneficiam todos os países envolvidos, diferentemente do pressuposto pelo *laissez-faire*. Assim, seria vantajoso aos países menos desenvolvidos ampliarem sua base produtiva a fim de se tornarem menos vulneráveis à deterioração dos termos de troca e diminuïrem sua dependência com relação aos produtos industrializados dos países centrais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar algumas das principais teorias de comércio internacional dentro da teoria econômica. Longe de esgotar o assunto e os autores pertinentes, notou-se que existem pontos em comum a algumas delas e também divergências. Os pontos em comum mostraram-se fundamentalmente nos autores clássicos e neoclássicos oriundos de países europeus, enquanto a divergência apresentou-se nos autores latino americanos.

Especialmente em relação à Cepal, sua oposição aos princípios clássicos e neoclássicos ressalta a importância de se considerar as diferentes dificuldades enfrentadas pelos países no comércio internacional, o impacto que isso pode causar em sua distribuição interna de renda e como este é um assunto relevante quando se trata de desenvolvimento econômico nacional.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M.A.; SILVA, C.R.L. **Economia internacional**. 4ª edição. São Paulo: Saraiva, 2007.

GONÇALVES, R. **Economia política internacional: fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2005.

MOREIRA, U. Teorias do comércio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa. **Revista de Economia Política**, vol. 32, nº 2 (127), p. 213-228, abr.-jun./2012.

OLIVEIRA, I.T.M. Livre Comércio versus Protecionismo: uma análise das principais teorias do comércio internacional. **Revista Urutágua**, nº 11, dez.06/jan./fev./mar.07. Maringá. 2007.

SILVA, V. F. O papel da industrialização no pensamento de Raúl Prebisch. **Anais do XII Congresso Brasileiro de História Econômica e 13ª Conferência Internacional de História de Empresas**. Niterói: UFF/ABPHE, 2017.

SWART, J. **Comércio internacional e desenvolvimento econômico na obra de Prebisch**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo. São Paulo. 132 p. 2006.